

## Santo Agostinho: O homem interior, a descoberta da interioridade



*“Noli foras ire, redi ad te ipsum in interiore homine habitat veritas”  
 (“Não vá lá fora, volta para si mesmo. A verdade habita no coração do homem”)*

Santo Agostinho

O homem é o único ser vivo que encontramos na natureza que raciocina, que possui capacidade de atribuir significados, de compreender o mundo e, principalmente, de questionar qual o papel que desempenha e o sentido de suas ações.

O homem é um ser que busca compreender-se: *Homo sapiens sapiens* é o homem que sabe e que sabe que sabe. Procura algo que satisfaça seus questionamentos internos: “De onde vim e para onde vou?”, “O que estou

fazendo aqui?”, “Qual o sentido da vida?”.

Estas interrogações geram angústia no homem, que, confrontando-se com a sua fragilidade, finitude e imperfeição, parte em busca de algo que possa preencher o vazio de sua existência.

Fazendo uma analogia com o Mito da Criação, mais precisamente o de Adão e Eva, podemos encontrar a eterna busca do reencontro do homem com o divino, com o paraíso perdido: Deus, Consciência Universal, a

pura força espiritual, retira de si mesmo o Verbo e faz-Se tudo o que podemos vislumbrar na natureza. O homem foi sua última criação; e para que o homem não ficasse só, necessitava de uma mulher para fecundar a terra com seus descendentes.

Tudo era perfeito nesse mundo, e Adão e Eva viveram de forma plena no ápice da comunhão com Deus.

*“E plantou o Senhor Deus um jardim no Éden, na direção do Oriente, e pôs nele o homem que havia formado.”* (Gênesis 2:8)

Mas havia uma coisa proibida ao homem no jardim da perfeição, o Éden – região onde Deus concebeu o jardim do paraíso –, que era o conhecimento do bem e do mal. A morte é percebida como má e é um elemento necessário à manutenção temporal do universo, no qual Deus reservou o homem purificado dos seus efeitos somáticos no devir cósmico.

Eva foi seduzida pela serpente, que havia sugerido a ilusão de que, ao conhecer a morte, não morreria de fato, mas seria igual ao Eterno. Prova do fruto e o dá a Adão para desfrutar de seu mortal sabor. Ao comer o fruto, o Éden se torna estéril, pois a morte atinge a capacidade do homem de sentir a perfeição e colher dela os frutos divinos.

Com isso, o homem morre em seus sentimentos de união com Deus. É a morte espiritual, na qual o homem morre para os gozos do Paraíso, perde todas as esperanças de viver em plenitude, para ter, agora, de trabalhar para viver, sofrer para vencer a morte, mal do que ele é conhecedor incontestemente: o ser humano passa a ser consciente de sua própria finitude e tem de, a partir disto, viver no eixo tempo/eternidade.

Assim, o seu objetivo de vida passa a ser paradoxal, e do paradoxal nasce a angústia. O homem busca alcançar metas cada vez mais elevadas, procurando se projetar permanentemente para a frente, para o futuro, sendo necessário que este movimento seja feito com esforço próprio, morrendo e renascendo a cada dia. Ao mesmo tempo, sabe que nesse futuro está a morte. A própria estrutura do pensamento humano funciona assim: o cérebro é uma máquina antecipatória, nosso pensamento funciona se projetando no futuro e antecipando o que é mais provável que aconteça.

Esse processo é um grande desafio que o homem enfrenta: a construção do seu ser finito em relação à alma eterna, compatível com a sua essência e suas circunstâncias, aprendendo a se ver e às outras pessoas. Nessa busca, as nossas expectativas jamais se satisfazem, se procurarmos fora de nós. No mundo sensório e material, os desejos e apelos são infinitos e relativos. Cada desejo remete para outro desejo, o qual, sendo também relativo, não pode trazer satisfação plena. Então, o desejo humano só pode ser preenchido por algo ou alguém que seja absoluto, por um objeto infinito e imutável.

*“...e na busca da totalidade, a razão encontra-se diante de algo, infinitamente, grande e maior do que ela mesma”* (Franz von Kutschera)

Santo Agostinho (354-430 d.C.), filósofo cristão e fundador de um estilo de vida religioso, durante a maior parte da sua vida, meditou sobre a sua natureza e sobre a sua identidade, e, como resultado de suas

reflexões, concebeu um dualismo.

Percebeu que existem dois homens em cada ser: um “homem exterior”, ligado à nossa forma biológica e à nossa parte instintiva e animal, com todas as suas necessidades fisiológicas; e um “homem interior”, que se liga à divindade e faz de nós humanos passíveis de santificação. Assim, percebeu que sua identidade se divide em:

- » identidade-ipse (uma espécie de identidade pessoal, que chamamos de ego) e
- » identidade-idem (ser autêntico e imutável por toda a identidade, ligado diretamente a Deus).

Assim como existem dois homens, existem também, para Agostinho, dois tipos inteiramente diferentes de conhecimento: o primeiro, limitado aos sentidos e referente aos objetos exteriores ou suas imagens; o segundo, imutável e eterno, que é o conhecimento verdadeiro recebido pelo homem pela iluminação divina.

A doutrina da iluminação divina caracteriza-se por uma luz que não é material e que se atinge quando do reencontro com o conhecimento da verdade para que o homem possa ter uma vida feliz e beata. Recordar-se de um conhecimento prévio é o que Agostinho denomina de “rememoração de Deus”.

Todos os conhecimentos das verdades já se encontram na alma humana desde seus primórdios, conhecimentos necessários, eternos e imutáveis. E ao acendermos a chama da iluminação divina saberíamos que esse seria o caminho da libertação. A teoria agostiniana estabelece, assim, que: todo conhecimento verdadeiro é o resultado de uma iluminação divina, que possibilita ao homem contemplar as ideias, arquétipos eternos de toda realidade.

*“Em seguida aconselhado a voltar a mim mesmo, recolhi-me ao coração, conduzido por Vós. Pude fazê-lo, porque Vos tornastes meu auxílio.*

*Entrei, e com aquela vista da minha alma vi, acima dos meus olhos interiores e acima do meu espírito, a Luz imutável. Esta não era o brilho vulgar que é visível a todo homem, nem era do mesmo gênero, embora fosse maior. Era como se brilhasse muito mais clara e abrangesse tudo com sua grandeza. Não era nada disso, mas outra coisa muito diferente de todas estas. Essa luz não permanecia sobre o meu espírito como o azeite em cima da água, ou como o céu sobre a terra, mas muito mais elevada, pois ela própria me criou e eu sou-lhe inferior, porque fui criado por ela. E isso não é outra coisa senão a imanência de Deus em nós associada à sua transcendência”* (Confissões)

É através de Agostinho que a fé dará um passo inédito. A grande descoberta é a **intimidade**, é conhecer a própria alma através de um ato reflexivo, reconhecendo-se na primeira pessoa. Agostinho vê agora no homem um instrumento para se chegar a Deus, e não através da Igreja, com seus costumes e rituais.

A alma já era velha conhecida dos gregos, porém a sua intimidade, o voltar-se para dentro de modo espiritual, e não racional como nos coloca Sócrates, torna a descoberta de Agostinho tão especial.

Agostinho revela que a mudança de orientação para

a interioridade é a descoberta de si próprio. E assim conclui-se: Deus só pode ser encontrado e captado pela contemplação espiritual, através do *inter-legere* (no “ler por dentro”), no olhar do nosso interior. Podemos daí fazer um comparativo entre a descoberta de sua interioridade e de sua verdade com o Mito da Caverna, de Platão: o encontro com a interioridade do homem seria a sua libertação do mundo sensível; os seres humanos ficariam como prisioneiros das ilusões e estagnações do próprio corpo enquanto não se libertassem dos grilhões dos sentidos e do mundo externo.

Segundo Agostinho, “*O conhecimento de Deus, do ‘Princípio Supremo’ (absoluto, imutável, infinito), nunca é alcançado diretamente na contemplação do mundo exterior, e, se tal acontece, o resultado é que a alma só se alimenta de ‘fantasias corporais que não existem em absoluto!’*” (José M. Silva Rosa, em *A Conversão da Imaginação nas Confissões de Santo Agostinho*). Jesus já mencionara: “*Sois deuses e não sabeis!*”

Agostinho, por meio de suas reflexões, descobriu que Deus, a quem buscava desesperadamente, sempre estivera dentro dele. O caminho que Agostinho percorreu para chegar à verdade é o caminho da sua subjetividade. Com isso, Agostinho sacrificou o seu orgulho e sua superioridade, o seu ego, e descobriu a si mesmo e a Deus pelo caminho da resignação.

A sua própria experiência do passado justifica a seguinte reflexão: quando um homem fica apenas nas coisas exteriores, esvazia-se de si mesmo. Quando entra em si mesmo, quando se recolhe à sua intimidade, quando penetra precisamente naquilo que é o homem interior, é justamente aí que encontra Deus. Como vemos nesta passagem onde Agostinho procura Deus nas suas criaturas:

*“Mas que amo eu, quando te amo? Não a beleza do corpo, nem a glória do tempo, nem esta claridade da luz, tão amável a meus olhos, não as doces melodias de todo gênero de canções, não a fragrância das flores, e dos perfumes, e dos aromas, não o maná e o mel, não os membros agradáveis aos abraços da carne. Não é isto o que eu amo quando amo o meu Deus. E, no entanto, amo uma certa luz, e uma certa voz, e um certo perfume, e um certo alimento, e um certo abraço, quando amo o meu Deus; luz, voz, perfume, alimento, abraço do homem interior que há em mim, onde brilha para a minha alma o que não ocupa lugar, e onde ressoa o que o tempo não rouba, e onde exala perfume o que o vento não dissipa, e onde dá sabor o que a sofreguidão não diminui, e onde se une o que a saciedade não separa. Isto é o que eu amo, quando amo o meu Deus.”* (Confissões, cap. 6, 8).

Conhecer Deus é participar da grandiosa narrativa de nossa criação, nossa existência e nosso fim.

Para Agostinho, a condição espiritual de “entrar em si mesmo” faz com que o homem seja livre, livre de dogmas, costumes e rituais. Essa ideia está na base do cristianismo até nossos dias: “*A Verdade vos fará livres*”. Continua dizendo que “*ama et quod vis faz*” (ama e faz o que quiseres). Se a pessoa fizer realmente por amor, pode fazer o que quiser. Logicamente não o amor de capricho, aquele que lhe convém, mas sim o amor de

alteridade (amor pelo outro e não egóico), que alcança as mais sublimes notas do divino.

Por trás do mundo físico, ou visível, está aquilo a que chamamos Ser, ou Consciência Divina Infinita, fazendo por se expressar como consciência individual, que traz à luz o amor do Ser e o amor ao próximo. Essa Consciência primeva, infinita, divina, surge sempre onde existe receptividade.

Quando a consciência individual se impregna com essa Consciência, ela se torna divina, e a consciência humana começa a desaparecer, de modo que o que resta é somente a Consciência divina.

Quando um indivíduo, que vive sua vida de rotina, como a conhecemos, por qualquer razão se volta para a vida espiritual, à busca do Ser, não é que ele esteja procurando a Luz. Pois a Luz dentro dele, e sempre ao seu alcance, é que lhe está atraindo a atenção, ao procurar irromper em sua consciência, pelo fato de, de uma forma ou outra, já estar ele preparado para receber o influxo.

O mesmo acontece em escala coletiva. Essa luz do Ser espiritual está abrindo caminho através da consciência humana de tal forma que, de geração em geração, o estado de consciência da humanidade vai se tornando cada vez mais uma transparência, através da qual esta Luz pode manifestar-se (Joel S. Goldsmith).

Muitos já perceberam que a felicidade não se encontra nos bens terrenos, na posse dos bens materiais, que só geram disputas, invejas, rancores e que preenchem somente momentaneamente o vazio existencial.

Esse vazio somente poderá ser preenchido no encontro com o Si mesmo, com a sua divindade interna, com o Deus de Agostinho. Nesse dia, quando o homem se reconectar, encontrará a sua felicidade não no ser egóico que o dominou por anos, e sim no sentimento da alteridade, onde não se pode ser completo sem o outro.

Quando, em 1921, perguntado pelo rabino H. Goldstein, de Nova York, EUA, se acreditava em Deus, o físico Albert Einstein respondeu: “*Acredito no Deus de Espinoza\*, que se revela por si mesmo na harmonia de tudo o que existe, e não no Deus que se interessa pelo destino e pelas ações dos homens*”.

**\*Nota da Redação:** Baruch Spinoza ou Baruch de Espinoza (1632-1677), holandês, um dos grandes filósofos do século 17. De família judaica portuguesa que fugiu da Inquisição em Portugal, foi um profundo estudioso da Bíblia, do Talmude e de obras de judeus. Também estudou os filósofos Sócrates, Platão, Aristóteles e outros clássicos, além de Giordano Bruno. Fonte: Wikipédia, <<https://pt.wikipedia.org>>, acesso em 13/8/2015.

**Por: Christina Hatt** Expositora do curso Filosofia Espírita 1 da Seara Bendita  
**Coordenadora da seção Filosofia: Katia Regina A. Negreiros**  
 Coordenadora do curso Filosofia Espírita da Seara Bendita